ESTUDOS PESSOAIS

Não existe trabalho secular

Por que nenhuma função é mais espiritual que outra, e o que significa servir ao Reino no lugar em que Deus chamou você

TEMA

A espiritualidade não é medida pela função religiosa, mas pelo compromisso com Deus e pela maneira de servir. Todo cristão é chamado, e todo trabalho honesto feito dentro do chamado é serviço a Cristo.

TEXTOS-BASE

Colossenses 3:22-24 | 1 Pedro 2:9

Atos 2:17-18 | 1 Coríntios 12:4-7

Ítalo Moiá

PARTE 1

A pergunta que a aula levanta

Este estudo nasce da primeira aula do curso "Igreja Bíblica Relevante", ministrada pelo professor Luiz Sayão na Igreja Batista Nações Unidas. A aula tem um título que já provoca: "pastor, por que não". Todo o crédito do ponto de partida é dele. O que vem aqui é o desenvolvimento daquilo que a aula levantou.

O assunto começa com uma coisa pequena da vida dele. As pessoas perguntam como devem chamá-lo. Pastor Sayão. Reverendo Sayão. Doutor Sayão. E ele responde que prefere Luiz Sayão, sem título nenhum.

Ele dá duas razões para isso. A primeira é bem prática. A palavra "pastor" ficou desgastada no Brasil, muito por causa do que aparece na televisão e na internet. Hoje o título cria distância justamente com as pessoas que ele mais gostaria de alcançar. Alguém ouve "pastor" e já levanta uma parede.

A segunda razão é de fundo bíblico, e é dessa que sai tudo o que interessa neste estudo. O Novo Testamento não conhece um grupo de cristãos que seja espiritualmente diferente dos outros. Não existe uma turma de cristãos de primeira e outra de segunda.

O jeito como as pessoas reagem ao título já diz muita coisa. Sayão conta que, quando ele está num lugar onde ninguém sabe quem ele é, o tratamento é normal, de pessoa para pessoa. Aí alguém avisa que ali está um pastor. Na mesma hora o outro recua. Muda o tom de voz. Pede desculpas pelo jeito como cumprimentou antes. E recomeça a conversa de outro jeito, mais formal, mais cuidadoso, como quem está falando com alguém de outro nível.

Ele conta ainda um caso que aconteceu na Europa Oriental. Um homem foi avisado de que estava diante de uma espécie de sacerdote. O homem beijou a mão dele e se ajoelhou.

Essas reações não vêm de uma doutrina que alguém aprendeu numa aula. Ninguém ensinou àquele homem, com todas as letras, que pastor é gente superior.

Elas vêm de uma coisa mais funda: do jeito como a comunidade realmente enxerga a igreja no dia a dia, mesmo quando o que ela diz no papel é outra coisa.

A igreja pode escrever numa declaração de fé que todos os cristãos são iguais diante de Deus, e continuar tratando o líder como se ele fosse de outra matéria. O que vale, na prática, é o que se pratica.

O ângulo deste estudo é a conclusão que a aula deixa implícita quase o tempo todo e diz abertamente em três momentos. Se não existe uma classe sagrada dentro da igreja, então também não existe função mais espiritual que outra. E não existe pessoa espiritualmente superior a outra.

E se a espiritualidade não é medida pela função religiosa que alguém ocupa, então aquela divisão entre trabalho secular e trabalho espiritual perde o chão. Ela simplesmente não tem onde se apoiar.

> GUARDE ISTO
>
> A espiritualidade não é medida pela função religiosa que a pessoa ocupa. Servir ao Reino é caminhar conforme aquilo para o que Deus chamou você. No púlpito. No escritório. Na universidade. Num emprego comum. Num balcão. Numa obra.

PARTE 2

Não existe clero, e o véu já foi rasgado

Sayão define clero de um jeito muito útil: é a parte da comunidade que é vista como separada do povo comum por natureza, e que por isso é colocada num nível espiritual superior.

Repare no que essa definição faz. Ela separa duas coisas que costumam andar grudadas na discussão.

A primeira coisa é a existência de liderança reconhecida. Isso o Novo Testamento tem, e tem com clareza. Existem pessoas que lideram, que ensinam, que respondem pela comunidade.

A segunda coisa é a existência de uma classe de gente que é diferente das outras por natureza, feita de outra matéria, mais perto de Deus por causa da função. Isso o Novo Testamento não tem.

Ter líder é uma coisa. Ter casta é outra.

O argumento mais forte de todos está em Atos 2. No dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu, Pedro se levanta e cita o profeta Joel.

> *“Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.”*
>
> Atos 2:17-18 (NVI)

Leia essa lista devagar, porque ela não é aleatória. Filhos e filhas: homem e mulher. Jovens e velhos: idade nova e idade avançada. Servos e servas: gente escravizada, dos dois lados.

Essa lista foi montada para varrer, uma por uma, todas as fronteiras sociais que organizavam o mundo antigo. Gênero. Idade. Condição de escravo ou livre. Todas caem no mesmo versículo.

E para entender o tamanho disso, você precisa saber como aquele mundo funcionava.

PARA ENTENDER O CONTEXTO

No mundo grego e romano, todo mundo achava normal que a sua posição social espelhasse a sua proximidade com o divino. O rei tinha acesso ao mundo dos deuses. O sacerdote tinha acesso. O homem livre e com dinheiro tinha acesso. E o escravo, e a mulher, estavam num degrau abaixo, mais longe do sagrado. Não era uma doutrina escrita. Era o ar que se respirava.

Em Atos 2, o Espírito desce sobre a escrava exatamente como desce sobre o ancião. Não é uma medida menor. Não é uma versão reduzida. É o mesmo Espírito, na mesma quantidade, sobre a última pessoa da escala social e sobre a primeira.

E Jesus proíbe, com todas as letras, que a lógica do mundo entre na comunidade: "Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mateus 20:25-28).

Os dois verbos gregos que Jesus usa ali, "dominam" e "exercem poder", trazem os dois um prefixo que quer dizer "para baixo". É poder que desce em cima de alguém. É a mão que pesa sobre a cabeça do outro. Jesus escolheu palavras que fazem a gente enxergar o peso.

E a frase "não será assim entre vocês" não é conselho. É proibição. É ordem. E ela foi dita para discípulos que estavam, naquele exato momento, brigando por posição.

Pedro repete a mesma proibição, anos depois, com palavras parecidas: "pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho" (1 Pedro 5:2-3).

O verbo "dominadores" é o mesmo verbo que Jesus usou em Mateus 20. Pedro estava lá quando Jesus falou. Ele não esqueceu.

E aqui tem uma ironia que merece ser registrada, porque ela é linda.

A expressão traduzida por "os que lhes foram confiados" é, no grego, uma palavra só: kleros, no plural. E kleros é a palavra de onde vem, em português, a palavra "clero".

Essa palavra significa "sorte", "quinhão", "porção que se herda". Era literalmente a pedrinha que se lançava para dividir a terra entre as tribos. Era o sorteio que definia qual pedaço cabia a cada um. E, por extensão, virou a palavra para a parte que cada um recebe de herança.

Pense nisso. No único lugar do Novo Testamento em que essa palavra chega perto do vocabulário de liderança, ela não nomeia os líderes. Ela nomeia o rebanho. Ela nomeia o povo. Ela nomeia as pessoas comuns sentadas nos bancos.

> GUARDE ISTO
>
> O clero, na Bíblia, é você.

A comunidade é a herança de Deus, entregue ao cuidado de alguns. E esses alguns estão expressamente proibidos de se comportar como donos dela. Eles cuidam do que é de Deus, e o que é de Deus é o povo.

Agora vamos ao segundo golpe, que é maior ainda. Para entender o que significa "sacerdócio universal", a gente precisa primeiro entender o que era um sacerdote. E aqui não dá para presumir que o leitor saiba, porque nós não temos nada parecido hoje.

A ideia de sacerdote no Antigo Testamento é a de intermediário. Alguém no meio. Uma ponte.

Funcionava assim. O povo comum não chegava perto de Deus por conta própria. Você não podia entrar. Você trazia o seu animal, entregava, e o sacerdote é que apresentava a oferta por você. Ele fazia por você aquilo que você não podia fazer.

E tinha um lugar, dentro do templo, chamado Santo dos Santos. Era a parte mais interna, onde Deus habitava de forma especial. Nesse lugar, uma pessoa só entrava. O sumo sacerdote. E ele entrava uma vez por ano. E não entrava de mãos vazias: entrava com sangue (Levítico 16).

Separando esse lugar do resto do templo, havia um véu. Uma cortina pesada, grossa, alta. E aquele véu não era decoração. Ele era a distância entre Deus e o povo feita de pano. Você olhava para o véu e enxergava o quanto você estava longe.

Guarde essa imagem, porque tudo depende dela.

Hebreus argumenta que essa estrutura chegou ao fim. E não porque falhou. Chegou ao fim porque cumpriu aquilo que ela anunciava. Ela era a placa na estrada, e a gente chegou na cidade. Placa cumprida é placa que fica para trás.

Jesus é o sumo sacerdote definitivo. E o efeito disso sobre o adorador comum, sobre você, é descrito assim.

> *"Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo. Temos, pois, um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé."*
>
> Hebreus 10:19-22 (NVI)

Leia de novo: nós entramos no Santo dos Santos. Nós. O lugar onde só um homem entrava, uma vez por ano, com sangue, agora está aberto para você, hoje, na sua cozinha.

A palavra traduzida por "plena confiança" merece atenção, porque ela é forte. No grego é parresia. E ela vinha da vida política das cidades gregas.

Deixa eu explicar o que ela queria dizer. Numa cidade grega, quando a assembleia se reunia para decidir as coisas, quem tinha parresia era o cidadão livre. Era o direito de levantar e falar. Sem pedir licença a ninguém. Sem intermediário. Sem precisar de alguém importante para apresentar você. O escravo não tinha isso. O estrangeiro não tinha isso. Só o cidadão livre.

Agora entenda o que Hebreus fez ao aplicar essa palavra à sua relação com Deus. Você tem o direito de falar. Você entra pela porta da frente. Você não precisa que alguém fale por você. Você não pede licença a ninguém.

Hebreus 4:16 usa a mesma palavra: "Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança". Trono. Você entra na sala do trono. Andando. De frente.

O passo seguinte é ainda maior: o título de sacerdote é dado à comunidade inteira.

"Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2:9).

E olha para quem Pedro escreveu isso. Não foi para líderes religiosos. Foi para comunidades da Ásia Menor, formadas na maioria por gente que não era judia, gente de condição social modesta, gente simples. Gente que, num templo pagão daquela cidade, jamais em hipótese nenhuma seria autorizada a exercer função de sacerdote. Nem chegar perto do altar. Essa gente recebe uma carta que diz: vocês são sacerdócio real.

Três coisas caem quando o sacerdócio universal é levado a sério, e todas as três têm endereço na vida da igreja hoje.

Cai a ideia de cobertura espiritual como condição de bênção. Sayão conta que uma pessoa perguntou se ele poderia servir de "cobertura espiritual" para ela. A resposta dele foi que essa ideia não aparece no Novo Testamento.

E confere: não existe no texto grego nenhuma expressão que corresponda à ideia de que a bênção de Deus sobre um cristão dependa de ele estar posicionado debaixo da autoridade de um líder específico.

O que a Bíblia pede é outra coisa: submissão à Escritura, compromisso com a comunidade, e reconhecimento de quem lidera. Isso é muito diferente de acreditar que a bênção de Deus chega até você através de um homem.

A ideia de cobertura, entendida como ponte, pega a função que Hebreus atribuiu a Cristo com exclusividade e transfere para um líder cristão. Ela recoloca o véu que Deus rasgou.

Cai a ideia de que a oração de alguém tem mais alcance por causa do cargo. A oração de um membro não é inferior à oração de um líder, e a razão é simples: Deus atende em nome de Jesus, e não em função da posição de quem está orando.

Não é a sua posição que abre a porta. É o nome de Jesus. E o nome de Jesus não fica melhor na boca de quem tem título.

Aqui é preciso separar duas coisas que se parecem, mas não são iguais.

Uma coisa é orar juntos, e isso a Bíblia encoraja muito: "confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados" (Tiago 5:16). Repare no "uns aos outros" e no "uns pelos outros". É de mão dupla.

Outra coisa é recorrer a alguém porque você acredita que a oração dele pesa mais diante de Deus. Isso já colocou um mediador de volta no meio do caminho.

E o exemplo que Tiago dá logo em seguida derruba qualquer dúvida. Ele cita Elias, o profeta que fechou o céu por três anos e meio, e apresenta esse gigante assim: "Elias era humano como nós" (Tiago 5:17). Humano. Gente igual à gente.

E cai a ideia de que uma pessoa possa ser dona espiritual da vida de outra, a ponto de a pessoa não tomar nenhuma decisão sem consultar um guru. Casar, mudar de emprego, comprar uma casa, tudo passando pela boca de um homem. O que isso descreve tem nome antigo: é um santo colocado no meio do caminho entre Deus e a pessoa. A gente saiu de um sistema que fazia isso e recriou o mesmo sistema com outro nome.

PARTE 3

O chamado é de todos

Chegamos ao ponto que dá título ao estudo.

Sayão formula a tese assim: a espiritualidade não é medida pela função religiosa do indivíduo, mas pelo seu compromisso com Deus, pela sua relação com a graça de Deus e pela maneira com que ele serve a Deus.

Leia devagar. Três medidas: compromisso, relação com a graça, maneira de servir. Nenhuma delas é cargo. Nenhuma delas é título. Nenhuma delas está no crachá.

Ele também identifica o sintoma, e o sintoma tem nome e endereço.

O crente comum, diz Sayão, se sente culpado porque precisa trabalhar "secularmente". Ele olha para o próprio dia, olha para o crachá da empresa, olha para a bota de obra no canto, e imagina que não tem condição de ser tão espiritual quanto quem tem um título religioso.

Talvez você seja essa pessoa. Talvez você tenha pensado, mais de uma vez, que o trabalho de Deus mesmo é o que o pastor faz, e que o que você faz é só o jeito de pagar as contas até o domingo chegar.

A resposta de Sayão é direta: uma pessoa no ambiente executivo, na universidade ou num emprego comum pode ser tão fiel no serviço de Deus quanto alguém a quem se deu um título religioso.

A aula não desenvolve os textos que sustentam isso, porque o assunto dela era outro. Vamos a eles.

A palavra grega para chamado é klesis, e o verbo é kaleo, "chamar". É a família de palavras que gerou, em português, "vocação" e "chamado".

E olha como o Novo Testamento usa essa palavra. Nas cartas de Paulo, ela quase sempre descreve o chamado de Deus para a salvação, dirigido a todos os cristãos.

"E vocês também estão entre os chamados para pertencerem a Jesus Cristo" (Romanos 1:6). Isso foi escrito para a igreja inteira de Roma. Não para os líderes de Roma. Para todo mundo que estava lá.

"Fiel é Deus, o qual os chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Coríntios 1:9). Chamou para quê. Para comunhão. Não para cargo.

"Como prisioneiro no Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam" (Efésios 4:1). E três versículos depois: "Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só" (Efésios 4:4). Uma só. Não uma para o clero e outra para o povo.

E Pedro usa o verbo até para descrever sofrimento: "Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês" (1 Pedro 2:21). E preste atenção em quem estava recebendo essa frase no contexto imediato: escravos domésticos. Gente sem direito nenhum. Foi para eles que Pedro escreveu "vocês foram chamados".

O uso é consistente do começo ao fim.

Aqui está a inversão. Onde o evangélico brasileiro de hoje diz "ele tem um chamado" querendo dizer "ele vai ser pastor", o Novo Testamento diz "vocês foram chamados" querendo dizer "vocês são cristãos".

Chamado, na Bíblia, não é o que separa alguns de nós. É o que descreve todos nós.

E isso não nega que quem exerce função pastoral tenha sido dirigido por Deus para aquilo. Claro que foi. O que muda é o modelo. A direção específica de Deus para a vida de alguém deixa de ser uma coisa exclusiva de uns poucos e passa a ser um caso particular de uma coisa que todos têm.

Agora vem a passagem que leva o argumento ao limite.

> *“Escravos, obedeçam em tudo a seus senhores terrenos, não somente para agradá-los quando eles estão observando, mas com sinceridade de coração, pelo fato de vocês temerem o Senhor. Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo.”*
>
> Colossenses 3:22-24 (NVI)

Antes de aplicar isso, você precisa entender quem está ouvindo. Sem isso, o texto perde a força inteira.

PARA ENTENDER O CONTEXTO

O escravo doméstico numa casa romana era a pessoa que fazia o serviço da casa. Ele varria, cozinhava, servia a mesa, esvaziava o penico, carregava as coisas, cuidava das crianças dos outros. Ele não era pago. Ele não tinha folga. Ele não tinha nome próprio garantido, porque o senhor podia trocar. Ele era propriedade. Podia ser vendido, batido e usado.

E o desprezo por esse trabalho era total, e era filosófico. Aristóteles, o maior filósofo daquele mundo, definiu o escravo como um instrumento animado. Instrumento. Ferramenta que respira. Como uma enxada que fala.

E o desprezo não parava no escravo. Naquele mundo, trabalhar com as mãos era, em si, coisa de gente inferior. O homem livre de verdade não sujava as mãos. Ele pensava, discutia na praça, fazia política. Quem torneava, carregava e martelava era considerado incapaz da virtude do homem livre. O trabalho manual rebaixava.

Então junte tudo. Se existia, naquela cultura, uma atividade sobre a qual ninguém, absolutamente ninguém, jamais diria que era serviço a Deus, era exatamente essa. O trabalho braçal de um escravo dentro da casa de outro homem. Era o fundo do poço da escala social.

E é justamente sobre essa atividade que Paulo diz: é a Cristo que vocês estão servindo.

O verbo grego que ele usa ali para "servindo" vem da mesma raiz da palavra "escravo". É proposital. Paulo está dizendo: essa mesma escravidão que vocês fazem para o senhor de vocês, ela é serviço prestado ao Senhor Jesus.

O escravo doméstico, fazendo o serviço que a cultura inteira considerava degradante, está servindo ao Senhor.

E olha a outra palavra. "Recompensa da herança". No grego, "herança" ali vem da mesma família daquela palavra kleros que a gente já viu, a palavra do quinhão, da porção que se recebe, a palavra de onde veio "clero".

O escravo recebe herança. O escravo, que legalmente não podia herdar nada porque ele mesmo era parte da herança de outro, recebe herança de Deus.

E vale reparar numa coisa a mais. Naquele tempo existia um tipo de texto conhecido, uma espécie de manual de como organizar a casa. E esses textos eram sempre dirigidos ao senhor da casa. Falavam sobre esposas, filhos e escravos. Falavam sobre eles, na terceira pessoa, como quem fala de móveis. Ninguém escrevia para o escravo.

Paulo escreve para o escravo. Ele fala com ele. Ele trata aquela pessoa como gente responsável diante de Deus, capaz de decidir, capaz de servir a Cristo por escolha própria.

E ainda vira para o outro lado e adverte os senhores, lembrando que eles também têm um Senhor no céu (Colossenses 4:1). O dono da casa tem dono.

O alcance dessa passagem precisa ser medido com honestidade, e eu não vou passar por cima disso. Esses textos se dirigem a pessoas que já estavam dentro da escravidão e dizem a elas como viver ali. Paulo está descrevendo uma realidade que existia, não criando ela. A escravidão é o pressuposto de fato do mundo dele, e reconhecer um fato está muito longe de dizer que Deus queria aquilo.

O que atravessa o tempo com força de ordem é o argumento teológico embutido ali dentro, e ele é devastador: se o trabalho do escravo doméstico pode ser feito como serviço a Cristo, então nenhum trabalho honesto fica de fora dessa categoria. Nenhum.

GUARDE ISTO

Repare como o raciocínio funciona. Ele parte do caso mais desprezado que existia e se estende para todos os outros. Se vale para o pior, vale para todos. Se o fundo do poço é serviço a Deus, o seu escritório também é. A sua obra também é. O seu balcão também é.

E 1 Coríntios 12 fornece a estrutura que organiza isso tudo: "Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum" (1 Coríntios 12:4-7).

A palavra traduzida por "ministérios" ali é, no grego, uma palavra que significa simplesmente "serviços". E no grego do dia a dia ela era usada para o serviço de mesa. Servir a mesa. Levar o prato. É a palavra do garçom.

Quando você lê "ministério" no seu português, você imagina uma coisa solene, com terno e púlpito. A palavra original imaginava alguém servindo comida.

E repare no critério que fecha o versículo: "visando ao bem comum". Isso estabelece como se avalia qualquer dom: ele serve para quê. Ele é útil para quem.

O critério não é o prestígio que o dom dá a quem tem. É a utilidade dele para o corpo.

E todo o capítulo 12 é um argumento contra hierarquizar dons. A imagem do corpo, com pé, mão, olho e ouvido, existe exatamente para dizer que a parte menos vistosa é necessária (1 Coríntios 12:22). A parte que ninguém aplaude é a parte sem a qual não se anda.

Falta um ponto prático, e é o que mais gera confusão: o salário pastoral. Sayão trata com franqueza.

Ele explica que a pessoa em função pastoral recebe salário porque dedica o tempo dela àquela função e por isso não tem condição de exercer outra atividade. E afirma com todas as letras: a razão do pagamento não é o fato de uma atividade ser espiritual e a outra não.

Ele acrescenta que alguém pode exercer ministério pastoral como voluntário, e conta que ele mesmo fez isso na própria vida, pastoreando enquanto mantinha outra ocupação.

A base bíblica está lá. Paulo escreve: "o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho" (1 Coríntios 9:14). E também: "Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino. Pois a Escritura diz: 'Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal', e 'o trabalhador merece o seu salário'" (1 Timóteo 5:17-18).

Repare no que Paulo faz nesse mesmo trecho. Ele empilha comparações de naturezas totalmente diferentes. Fala do soldado, que recebe soldo. Do plantador de vinha, que come da uva. Do pastor de rebanho, que bebe do leite. Do boi que debulha o cereal e come enquanto trabalha. Todas dizendo a mesma coisa: quem trabalha tem o direito de viver do próprio trabalho.

Não é santidade que se paga. É tempo dedicado. O salário do pastor tem a mesma lógica do salário do pedreiro.

E é bom reparar no que o próprio Paulo faz com esse direito. Ele defende esse direito com unhas e dentes, e depois abre mão dele em Corinto (1 Coríntios 9:15). Ele trabalhou como fabricante de tendas (Atos 18:3), costurando lona com as mãos, e lembrou aos líderes de Éfeso que aquelas mãos supriram as necessidades dele e dos companheiros dele (Atos 20:34). O apóstolo tinha calo na mão.

Vamos somar tudo o que a gente viu.

O chamado é de todos, não de alguns. O Espírito desce igual sobre a serva e sobre o ancião. O rebanho é a herança de Deus, e ninguém é dono dele. O véu foi rasgado e você entra pela porta da frente. O trabalho mais desprezado que aquela sociedade conhecia é descrito como serviço a Cristo. E os dons são medidos pela utilidade para o corpo, não pelo brilho.

Não sobra base bíblica nenhuma para dividir as ocupações em sagradas e seculares. Nenhuma. A divisão não está no texto.

PERGUNTAS

Para pensar durante a semana

1. Segunda-feira de manhã, quando você entra no seu trabalho, o que passa pela sua cabeça: que ali é o lugar onde Deus te colocou para servir, ou que ali é só onde você ganha o dinheiro que sustenta a parte de verdade da sua vida, que acontece no domingo. Responda de verdade, e não do jeito que soa bonito.
2. Existe alguma decisão da sua vida, uma decisão que era sua para tomar, que você entregou na mão de um líder porque achou que a resposta dele valia mais diante de Deus do que a sua oração. Se existe, o que você estava procurando ali de verdade: a vontade de Deus, ou alguém para carregar a responsabilidade no seu lugar.
3. Você já se calou dentro da igreja, já engoliu uma pergunta ou uma discordância, porque quem estava falando tinha título e você não tinha. Se já, o que exatamente você acreditou naquela hora sobre o que aquele título fazia da pessoa, e o que ele fazia de você.

CONCLUSÃO

O clero, na Bíblia, é você

A divisão entre trabalho secular e trabalho espiritual não veio da Bíblia. Ela veio da cultura, entrou na igreja depois e foi ficando, até parecer natural.

O Novo Testamento não conhece cristão de primeira e cristão de segunda. Não conhece uma classe de gente feita de outra matéria. Não conhece oração que vale mais por causa do cargo de quem ora. E não conhece profissão que aproxime ou afaste alguém de Deus.

O que ele conhece é isto: um povo inteiro chamado, um véu rasgado, uma porta aberta, e uma herança prometida até para quem não podia herdar nada.

Servir ao Reino e ser governado por Deus significa caminhar conforme aquilo para o que Deus chamou você. No púlpito. No escritório. Na universidade. Num emprego comum. Num balcão. Numa obra.

> O escravo doméstico da casa romana ouviu de Paulo que estava servindo a Cristo enquanto varria o chão de outro homem. Se aquele trabalho era serviço a Deus, o seu também é.

ESTUDOS PESSOAIS